

Viajar de *chapéu*: entre géneros, identidades, poder e moda

Cristina L. Duarte ⁽¹⁾

Resumo: O chapéu nos permite viajar entre os géneros. A viagem a que me refiro é mais do que uma figura de linguagem: (t) isso nos levará em nosso referencial teórico da sociologia e da história da moda, e dos estudos de gênero. Aplicarei metodologias visuais nesta jornada pela mídia (impresa e novas mídias), pela história da moda e pelas biografias de alguns alfaiates e designers de moda. Meu laboratório de gênero para questões de moda começará na figura do dândi do século XIX, como forma de conhecimento de si, do gosto e da visão crítica da linguagem visual, até os dias de hoje, passando pelo fenômeno do crossdressing. Em suma, minha abordagem do laboratório de gênero do vestuário como dispositivo transformador de identidades de gênero é o que me interessa nesta pesquisa.

Palavras chave: interseccionalidade - identidade - self - gênero - moda - mídia - poder e masculinidades - linguagem - travesti.

[Resúmenes en inglés y portugués en las páginas 95-96]

⁽¹⁾ Doutorada em Sociologia, Universidade NOVA de Lisboa, tese «O Género como Espartilho, Moda e Feminismos» na FCSH/Universidade NOVA de Lisboa. Investigadora assistente Fundação para a Ciência e a Tecnologia/FCT. Professora convidada no Mestrado *Clothing and Textile Design* na ESART/IPCB, Instituto Politécnico de Castelo Branco/Escola de Artes. Professora na Escola de Artes e Design, ESAD Matosinhos, no Porto. Investigadora em matérias de Género e Estudos da Mulher no grupo Faces de Eva, do CICS. NOVA, Universidade NOVA de Lisboa, pertencendo à Direcção Editorial da revista Faces de Eva (publicação bianual).

I.

Esta escrita de pós-doutoramento nasceu com o título Viajar de chapéu e parte da ideia de que a identidade de gênero viaja através dos tempos e da moda, como um chapéu através da história. O traje define e resume a questão do binarismo de gênero. Como se passa para além disso, na busca pelo não binarismo e por novas identidades através do vestuário? Pretendo aplicar um guião de entrevista a um conjunto de actores sociais, recorrendo às questões da identidade, gênero, da moda e do cuidado de si. Os quadros teóricos que para

tal mobilizarei são os seguintes: teoria de ação social, interaccionismo, teorias feministas, e de uma forma interdisciplinar colocar em diálogo autores/as que desenvolvem teorias do conhecimento.

Proponho um diálogo teórico e empírico entre moda e género, pela lente da sociologia, dos estudos de género e de média. Numa das primeiras utilizações da palavra género como conceito sociológico que é feita por Ann Oakley em 1972, a autora descrevia o género como sendo uma matéria de cultura, referindo-se à classificação social em masculino e feminino. Enquanto construção em relação ao outro sexo, o conceito de género é indispensável à compreensão de todos os domínios da vida social, tendo ao mesmo tempo a sua própria história. Como é que o fenómeno social da moda reflecte e/ou contribui para a construção de género, ao mesmo tempo que concorre para a desconstrução do *eu*? Qual é a função da moda no desempenho de género? Várias linhas de pensamento concorrem para a investigação de uma realidade que é múltipla: porque veste o dandy como veste?; diferença e valorização da memória e das histórias pessoais e comparação da experiência de vida, reflexividade, gosto e pensamento; percepção da pluralidade e dos vários quotidianos do corpo; identidade, e reconfiguração dos papéis sociais no dualismo privado-público.

Representará o género um novo patamar das relações sociais caracterizado por uma fossilização como aponta Judith Butler? A moda como fenómeno social é o nosso laboratório sociológico, onde se ensaiam os géneros, através de uma ritualização, feminilidade/ masculinidade da apresentação de si que vai atravessando idades de vida, gerações, e lugares, como um chapéu através da história.

De acordo com os objectivos da investigação, seguiremos uma metodologia com acesso a uma observação etnográfica em laboratório de género, como forma de construir uma pesquisa interdisciplinar sobre a moda e a identidade de género, criando-se intersecções entre a sociologia e a história da moda, a antropologia, e os estudos de género. Optamos por metodologias qualitativas, mas sem colocarmos de parte a união entre várias metodologias, incluindo quantitativas.

Vamos seguir a prática metodológica segundo De Bruyne (1975), e a sua definição dos elementos de análise das metodologias em quatro pólos de investigação: epistemológico, teórico, morfológico, e o pólo técnico (técnicas de recolha de dados, unidades e sistemas de observação, validação e métodos de investigação). Van den Maren (1987) caracterizou as metodologias qualitativas pelo processo indutivo-exploratório e pela formulação de teorias interpretativas. Segundo este autor, que também seguimos, optámos pelos conjuntos teóricos que reflectem várias perspectivas, preferível a uma única teoria, e por um modelo inicial da problemática, com as questões de partida que apontam o caminho a seguir na recolha de dados e que é passível de ser alterado no decorrer da pesquisa.

Preferimos aqui um continuum nas abordagens de observação sem oposição radical entre investigação qualitativa e quantitativa, no seguimento da proposta de Evertson e Green (1986), elas que privilegiam esse continuum, que vai desde abordagens fechadas ao contexto do objecto, até àquelas abertas a esse mesmo contexto.

A investigação qualitativa (ou compreensiva) ao englobar um conjunto de abordagens na investigação interpretativa, incluindo a observação-participante de quotidianos designers ou alfaiates. Os modos de investigação que seguiremos são estes: a entrevista, orientada

para temas específicos; no modo de observação, privilegiaremos a observação-participante; e no modo de análise documental, a análise de conteúdo.

Os principais tipos de registo e de gravação na fase de observação serão áudio, mas também registo de imagem.

A metodologia e a estratégia em que se irá definir o tipo de observação centralizar-se-á nas técnicas qualitativas e na análise de conteúdo, bem como no estudo e análise crítica de fontes, incluindo imprensa e internet, fotográficas e filmográficas, e na realização de entrevistas, nas quais serão utilizados elementos iconográficos. Porque vestem os homens como vestem? – histórias pessoais e comparação das experiências de vida; os vários quotidianos do corpo; identidade e reconfiguração dos papéis de género.

II

O chapéu permite-nos viajar entre géneros. A viagem a que nos referimos é mais do que figura de estilo, ela levar-nos-á a construir o nosso quadro teórico a partir da sociologia e história da moda, e dos estudos de género. As metodologias visuais a que iremos recorrer levam-nos nesta viagem através dos *media* imprensa escrita e digital, da história da moda, nomeadamente em Portugal, onde serão seguidas as biografias de alguns alfaiates, e *designers* de moda. Da figura do *dandy*, no século XIX, como detentor de uma forma de conhecimento sobre o si viajaremos até aos dias de hoje através de um paradigma de conhecimento sobre o vestuário, sobre o gosto e visão crítica da linguagem visual, passando pelo *crossdressing*, outro laboratório de género que interessa investigar o vestuário: fashion menswear, and hats como dispositivo transformador de identidades de género.

As principais questões da investigação são:

1. O amor de si próprio e as desigualdades afectivas
 - 1.1 O cuidado de si e o amor próprio: o amor é *transformador* (da aparência)?
2. O espaço (deles) é político por construção social e cultural. Que parte é aqui pessoal?
 - 2.1 The identity also travels through space and time?
3. A identidade viaja de chapéu, in *fashion nobody 's land* ?

A satisfação em se seguir a moda é também saber que se pode segui-la, que temos os meios para isso, no sentido de que ela não pode estender-se a todo o corpo social, dando ao indivíduo a dupla satisfação de sentir-se por ela distinguido, enquanto se sente apoiado por um grupo que usa o mesmo, mas também por outro que aspira a fazer e a usar o mesmo. Segundo Simmel (2008), a imitação dá ao indivíduo a segurança de não se encontrar só nos seus actos: a moda é imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de se apoiar na sociedade, conduzindo o indivíduo no caminho que todos seguem, e criando um modelo geral que reduz a conduta de cada um, a mero exemplo de uma regra.

Os modos de andar, o tempo, o ritmo dos gestos são influenciados essencialmente pelo vestuário. Pessoas trajadas da mesma maneira comportam-se com uma certa uniformidade. A moda possibilita a obediência total e ao mesmo tempo a diferenciação individual.

Diz-nos Simmel que, quanto mais nervosa é uma época, tanto mais rapidamente mudam as suas modas, já que um dos seus suportes –a sede de excitantes sempre novos– caminha paralelamente com a depressão das energias nervosas.

As roupas exibem uma obsessão com o género, traduzida no vestuário feminino e masculino que se veste todos os dias. As cores associadas aos géneros apontam para o facto de que tais distinções de diferenças de género sejam arbitrárias, tal como a moda.

O corpo é invocado através do vestuário: o casaco dá ênfase aos ombros de um homem, adicionando-lhe masculinidade. A roupa, mais do que chamar a atenção, enfatiza os signos de diferença do corpo. O vestuário acrescenta camadas de significados culturais, os quais, só por estarem tão próximos do corpo se confundem por naturais, e tornados femininos ou masculinos. Por conseguinte, qualquer debate sobre moda terá de dar conta da diferenciação que origina entre os dois sexos, com suas diferenças biológicas, e que conota como género, quer dizer matéria de cultura, que se refere à classificação social masculino/feminino.

Dado que as nossas ideias de masculino e feminino estão ligadas não só à diferença de sexos, mas também à sexualidade, existe uma estreita relação entre os códigos de género na roupa e as ideias acerca de sexualidade. O material biológico determina o sexo, tornando-nos mulher ou homem, mas não determina os traços de masculinidade ou de ‘feminilidade’ que são produto da cultura. Esta distinção possibilita vermos como os corpos adquirem significados que não são o resultado da natureza, mas sim da cultura. Ao mesmo tempo que todas as culturas estabelecem uma diferença entre os dois sexos, nem todas desenham uma linha separadora ou concordam com as características de homem e mulher. Há trabalhos antropológicos que mostram como as culturas interpretam o sexo e inventam o género, sendo o estudo clássico de Margaret Mead (*Sex and temperament in 3 primitive societies*, 1935). Na área da antropologia, outra autora, Ortner (1996) desenvolve há mais de 20 anos um trabalho sobre cultura e género, descrevendo o género como um jogo, ou uma multiplicidade de jogos que assumem diferentes formas de actividade corporal, assim como complexas regras de acordo com o tempo e o espaço.

Anunciamos o nosso sexo quando vestimos de acordo com convenções de género; esta ligação pode ser constatada nas páginas de uma revista de moda. Como escreve Woolf em *Orlando* «*clothes have, as they say, more important offices than merely to keep us warm. They change our view of the world and the world's view of us*» (1928, s/p). O travesti que se mascara na roupa do sexo oposto desafia os pressupostos culturais. Quando a máscara é tão convincente que consegue passar a sua aparência como realidade, isso testemunha não só da importância da roupa na marcação do género, como o sexo pode ser descontinuado radicalmente através do género. A distinção entre sexo e género é útil para desnaturalizar associações comuns entre as características do corpo e as características de feminilidade e masculinidade. No que toca à roupa, as conexões entre as categorias mulher, corpo e sexualidade continuam fortes, de tal forma que são ainda vistas assim no local de trabalho, como os casos de assédio ou de violação e argumentos como «ela estava a pedi-las» continuam a fornecer exemplos de violência de género, que passa por esta associação entre mulher e corpo.

De acordo com Goffman (1993), todo o actor social manipula as impressões que pretende dar de si aos outros. Os actores sociais têm uma agenda de política do corpo. Procuraremos

ver nos seus discursos a relação entre afirmação/capacitação e assuntos de agenda pessoal e política, ou seja, formas de estar ou expressar a identidade do *self* e de género no espaço público, como forma cultural de interpretar os géneros. Enfim, haverá uma imagem-corpo que a moda resolve muito bem, gerando um equilíbrio entre géneros, sugerindo que somos todos humanos, unos, mas, como não passa de uma moda, desvanece-se no ar.

É na adolescência que a moda começa a exercer o seu controle e disciplina. As adolescentes sabem que são vistas e avaliadas pelo que vestem e, ao mesmo tempo, procuram ser iguais entre as/os pares. O fenómeno da imitação de que nos fala Simmel começa aqui. Somos iguais entre pares e isso dá-nos segurança. O que não descarta saber dosear uma certa originalidade e estilo, como nos dizem as narrativas de auto-identidade das adolescentes.

III

Foucault, feminismo(s) e o poder da moda, foi o triângulo conceptual que permitiu situar as questões da decisão-acção-afirmação nos discursos sobre o vestuário das mulheres: é a consumidora que decide o que vestir e como. Está sempre subjacente no acto de vestir uma produção, visível na conjugação de formas/padrões/cortes/gostos, que são muitos. O chapéu e os arranjos de cabeça já foram reveladores de que o poder está na cabeça (os cortes de cabelo foram/são fundamentais para essa afirmação), quando se vê e quando não se vê, embora aqui entrem em jogo os valores da confiança e segurança da utilizadora. As várias leituras sobre moda a partir de um arquivo pessoal pré-existente à investigação científica, e outro sobre o género estudado como *performatividade* social e visual que age sobre o tempo, é formado durante a actual pesquisa. Judith Butler propõe que cada indivíduo assuma alternadamente identidades diversas, fora de qualquer pólo estável. Desse modo, as matrizes sexuadas deveriam ser anuladas e as categorias identitárias suspensas, já que o próprio acto de nomear é, só por si, violento, diz-nos a filósofa¹. O que está aqui em causa é a capacidade do corpo para assumir representações que excedam as tradicionais divisões binárias: homem/mulher, feminino/masculino, homo/hetero². O corpo está socialmente condenado ao jogo da dominação simbólica. *Fashion empowers?* A moda capacita?, o estudo continua post-PHD, viajando pelas memórias e identidades sociais, e pelos os discursos sem palavras do vestuário nos arquivos fotográficos de menswear. De origem inglesa, o vestuário masculino de desporto começou por ser simplesmente o indício de uma necessidade de libertação do corpo: depois, desligado da sua função, tornou-se um traje de duas peças. Entre os factos de indício e os de significação, os limites são por vezes pouco nítidos. Os géneros são classificações/estilos/performances/construções. Vamos procurar ver como se processa a diluição dos géneros através dos padrões de interacção na vida quotidiana e das hierarquias institucionais dentro das quais eles acontecem. O espaço deles é público, o deles é pessoal e político.

Proponho o seguinte plano de investigação: criar unidades de análise, com visita às alfaiatarias modernas e/ou ateliers de alfaiates; criar unidades de problematização e bibliográficas, bem como unidades temporais e temáticas; criar unidades metodológicas e estratégicas. Para uma nova imagem do tempo e dos géneros, com acesso a uma plataforma univer-

sitária em sociologia de gênero, o projecto surgiu-me como oportunidade de desenvolver ideias sonhadas, partindo das seguintes unidades temáticas:

1. O chapéu: dispositivo exterior das existências e da forma como viajamos no território, na memória, no gênero e entre gêneros;
2. A identidade também viaja, através do espaço e do tempo; os vários quotidianos do corpo; identidade e reconfiguração dos papéis de gênero, *let's travel in a hat in fashion and genders*.
3. Alfaiatarias e *designers* serão mobilizados pelas metodologias: entrevistas, forum group.
4. Porque vestem os homens como vestem? – histórias pessoais e comparação das experiências de vida.

A metodologia e a estratégia em que se irá definir o tipo de observação centralizar-se-á nas técnicas qualitativas e na análise de conteúdo, bem como no estudo e análise crítica de fontes, incluindo imprensa e internet, fotográficas e filmográficas, e na realização de entrevistas, nas quais serão utilizados elementos iconográficos.

Notas

1. Judith Butler, *Bodies that matter* (Nova Iorque: Routledge, 1993).
2. Biddy Martin, «Sexualities without Genders and Other Queer Utopias», *Diacritics* 24 (1994): 11-112.

Lista de Referências Bibliográficas

- Baldi, M. (2006). *A invenção da moda*. Lisboa: Edições 70.
- Barthes, R. *O sistema da Moda*. Lisboa: Edições 70.
- Benjamin, J. (1988). *The Bonds of Love, Psychoanalysis, Feminism and the Problem of Domination*.
- Berger, J. (1999). *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70.
- Bordo, S. (2004). *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body*. University of California Press.
- Borel, F. (1992). *Le vêtement incarne—les métamorphoses du corps*. Calmann-Lévy, 1992.
- Bourdieu, P. (1998). *La domination masculine*. Paris: Seuil, 1998.
- Breward, C. (1995). *The culture of fashion: a new history of fashionable dress (Studies in design and material culture)*. Manchester Univ. Press.
- Bruzzi, S. & Gibson, P. C. (2000). *Fashion cultures, Theories, Explorations and Analysis*. London: Routledge.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter: on the discursive limits of 'sex'*. New York: Routledge.
- Butler, J. (2004). *Ondoing Gender*. New York: Routledge.

- Butler, J. (1999). *Gender Trouble – Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Costa, A. (1991). *Representações Sociais de Homens e Mulheres*. Portugal, 1991.
- Davis, F. (1992). *Fashion, Culture and Identity*, The University of Chicago Press.
- Dorfles, G. (1974). *Oscilações do Gosto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Duarte, C. L. *Ana Salazar – Uma Biografia Ilustrada*, Temas e Debates, Lisboa, 2002.
- Duarte, C. L. *15 histórias de hábitos – criadores de moda em Portugal*, Quimera, 2003.
- Duarte, C. L. (2004). *Moda, «O Que É»*, Lisboa: Quimera.
- Duarte, C. L. (2006). *Moda Portuguesa*, Lisboa: CTT.
- Duarte, C. L. (2007). *Trajes Regionais: Gosto Popular, Cores e Formas*. Lisboa: CTT.
- Duarte, C. L. (2009). *José António Tenente – Traços de União*. Lisboa: Inapa.
- Duarte, C. L. (2017). *Moda e feminismos, o género como espartilho*. Lisboa: Temas e Debates.
- Entwistle, J. (2008). *The fashioned body, Fashion, dress and modern social theory*. Polity press.
- Fausto-Sterling, A. (2000). *Sexing the body – Gender politics and the construction of sexuality*. New York: Basic Books.
- Garb, T. (1998). *Bodies of Modernity*. London: Thames and Hudson.
- Giddens, A. (1994). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras, Celta editora.
- Giddens, A. (2010). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goffman, E. (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*, «Antropos». Lisboa: Relógio d'Água.
- Goffman, E. (2002) [1977]. *L'arrangements des sexes*. Paris: La Dispute.
- Gruen, A. (1968). «Autonomy and identification: the paradox of their opposition», *International Journal of Psychoanalysis*, 49.
- Hollander, A. (1997). *Seeing Through Clothes*. London: University of California Press.
- Hollander, A. (1994). *Sex and Suits*. New York: Alfred A.Knopf.
- Joly, M. *A imagem e a sua interpretação*. Lisboa: Edições 70 (s.d.).
- Kauffman, J-C. (2007). *Ego: pour une sociologie de l'individu*. Paris: Hachette Littéraire.
- Kohut, H. (1977). *The restoration of self*. New York: International Universities Press.
- Lipovetsky, G. (2006). *Le Bonheur paradoxal - Essai sur la société d'hyperconsommation*. Paris: Gallimard.
- Lurie, A. (2000). *The language of clothes*. Oxford: Owl Books.
- Méjias, J. (2005). *Sexe et société*, «Thèmes & Débats». Paris: Bréal.
- Rose, G. (2007). *Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials: An Introduction to the Interpretation of Visual Methods*. London: Sage.
- Scott, J. W. (1988). «Gender: a useful category of historical analysis» in *Gender and the politics of history*. NY, 1988.
- Scott, L. M. (2005). *Fresh Lipstick: Redressing Fashion and Feminism*. Palgrave Macmillan.
- Waquet, D. \$ Laporte, M. (2002). *La Mode, «Que sais-je»*. Paris: PUF.

Resumen: El sombrero nos permite viajar entre géneros. El viaje al que me refiero es más que una figura retórica: nos llevará en nuestro marco teórico desde la sociología y la his-

toria de la moda, y los estudios de género. Aplicaré metodologías visuales en este viaje a través de los medios impresos y nuevos medios, la historia de la moda y las biografías de algunos sastres y diseñadores de moda. El laboratorio de género en materia de moda comenzará con la figura del dandy del siglo XIX, como una forma de conocimiento sobre el *yo*, el gusto y la mirada crítica del lenguaje visual, hasta nuestros días, pasando por el fenómeno del travestismo. En definitiva, el enfoque del laboratorio de género de ropa como dispositivo transformador de identidades de género, es lo que interesa de esta investigación.

Palabras clave: interseccionalidad - identidad - *yo* - género - moda - medios - poder - masculinidades - lenguaje - travestismo.

Abstract: The hat allows us to travel between genders. The journey to which I refer is more than a figure of speech: hat will take us in our theoretical framework from sociology and fashion history, and gender studies. I'll apply visual methodologies in this journey through the media print and new media, the history of fashion, and through the biographies of some tailors and fashion designers. My gender lab for fashion matters will begin in the figure of the dandy in the 19th century, as a form of knowledge about the *self*, the taste and critical view of visual language, up to our days, passing by the crossdressing phenomenon. In short, my approach of the gender lab of the clothing as gender identities transformer device, is what I'm interested in this research.

Keywords: intersectionality - identity - self - gender - fashion - media - power and masculinities - language - cross-dressing.

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo]
